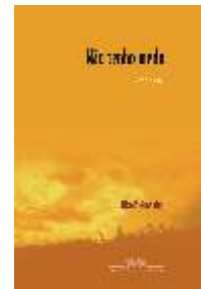


## No fundo do poço, um menino

Em narrativa sobre a passagem precoce para a vida adulta, Niccolò Ammaniti conquista leitor de qualquer faixa etária



Michele Amitrano, de 9 anos, é uma das poucas crianças de Acqua Traverse, um pequeno povoado ao sul da Itália. Está habituado a brincadeiras comuns: bicicleta, futebol de botão, pega-pega, subir e descer colinas, esconde-esconde nos campos de trigo. Passa as férias na companhia de Maria (sua irmã mais nova), Salvatore (seu melhor amigo), Caveira (o maldoso da turma), Remo (o amigo competitivo) e Barbara (a menina rejeitada pelos garotos). Até que, no verão de 1978, descobre um segredo.

Não só por lhe render um novo amigo, a descoberta traz mudanças importantes para o menino: ele perde o prazer das amizades antigas, desaparece de casa durante todo o dia (provocando brigas com os pais), pergunta-se constantemente sobre o significado da novidade e tortura-se por ter que manter o sigilo.

O que encontra no poço de uma casa abandonada é um menino: bastante parecido com ele, da mesma idade. Um menino acorrentado, sujo, assustado, e que distingue apenas alguns tipos de seres: os ursinhos lavadores, o senhor dos vermes e o anjo da guarda. Para o novo amigo, Michele é o anjo da guarda.

Michele está longe de crer-se como tal. Mas quer cuidar do garoto: dá água para ele, guarda um pouco de sua própria comida para levar ao poço. Diante dos olhos inflamados do menino, há muito habituados com a escuridão, tenta acostumá-lo aos poucos com a luz. E, de tão fortes a identificação e o sentimento, encontra um jeito de lavá-lo e o ajuda a sair do buraco para um breve passeio no jardim. É uma amizade verdadeira, embora circunscrita aos limites do esconderijo. É Michele mesmo quem nos conta sua história, 20 anos depois. Por isso, a narrativa é candente como as brincadeiras de verão: envolve, anima, acelera, estimula a imaginação. Em razão de sua idade à época em que tudo acontece, o narrador tem aquela simplicidade e sinceridade que nós, leitores, já não temos. E isso se manifesta em pequenos detalhes. Na descrição de alguns traços, por exemplo: "As sobrancelhas compridas e alouradas pareciam tufo de pêlos colados na testa".

A descoberta é, para ele, uma espécie de chegada antecipada ao mundo adulto e envolve o conhecimento de sua própria família e o reconhecimento de seus amigos. Uma partida de futebol de botão origina a traição de seu amigo Salvatore. Uma brincadeira maldosa com Barbara lhe desperta a consciência da injustiça. Os desdobramentos de sua descoberta revelam a ele o lado obscuro de seus pais.

Aos poucos Michele descobre que o menino fora vítima de seqüestro. Filippo Carducci, filho de um industrial, havia sido capturado em Pavia cerca de dois meses antes. Na televisão, o garoto viu a foto do menino do buraco: "Todo limpinho, todo penteado, todo bonito, com uma camisa xadrez, estava sorrindo e na mão apertava a locomotiva de um trenzinho elétrico". E assistiu ao apelo da mãe, que implorava para que os seqüestradores não cortassem as orelhas de Filippo.

Nos pensamentos de Michele, figuras e monstros da infância - como o homem do saco, que à noite pega as crianças que estão sozinhas na rua - começam a dar lugar às ameaças do mundo real. E ele passa a entender que, ainda que acenda a luz, as cenas horrendas e os disfarces assumidos pelo mal podem não ir embora.

É um processo de perda da inocência. Deixemos claro, porém, o emprego desse termo: ainda que cresça, Michele permanece incapaz de praticar o mal. E está longe da ingenuidade ou da ignorância.

Uma das principais provas de seu desenvolvimento está em Lata-Velha, sua bicicleta. Filho de caminhoneiro e de dona de casa, Michele é um garoto pobre, que sempre deseja novos brinquedos (especialmente diante dos mimos que Salvatore recebe do pai advogado). Quando finalmente ganha uma bicicleta nova, já tem clara a idéia sobre o que está acontecendo no vilarejo. Assim, embora receba o presente do pai, por sabê-lo envolvido com Filippo, não aceita: fica com raiva, acha que não presta. E continua montado em sua lata-velha.

Para o leitor, o percurso é o inverso: à medida que a maturidade é exigida de Michele, nós nos tornamos crianças. Mergulhamos em suas aflições, incorporamos seu raciocínio e sofremos com suas angústias. Queremos ajudá-lo a compreender os mistérios em torno do menino do poço, e sofremos também ao desvendá-los.

A chegada ao vilarejo de um homem de idade, estranho, e que se hospedará justamente no quarto de Michele, marca a fase mais dura desse crescimento. É quando ele se sente de fato sozinho para enfrentar seus medos. Sem a companhia da irmã mais nova, e com Sergio deitado na cama ao lado, Michele precisa conseguir dormir apesar da certeza de que o velho o matará durante a noite.

A relação com Maria, aliás, rende passagens entre as mais belas do livro. Como típico menino de sua idade, ele se divide entre o instinto de zelar por ela e a raiva por ser sempre acompanhado pela irmã. Mas Michele surpreende: faz tudo para resguardar a menina da maldade que se revela.

A escrita delicada de Niccolò Ammaniti não deixa de ser persuasiva. É que o tornar-se criança novamente por meio de uma narrativa implica deixar-se levar pela imaginação e pelo devaneio. O que culmina em uma defesa do lúdico: as emoções experimentadas por meio dessa história passam por romance, drama e suspense, sem cair nos procedimentos a que estamos acostumados (a violência, o apelo, a banalização e o exagero). *Não tenho medo* recebeu, em 2001, o prêmio Viareggio. Não por acaso, foi adaptado para o cinema em 2003 por Gabriele Salvatores (diretor de *Mediterrâneo*). Pela fala simples de Michele, que com detalhes descreve as paisagens e a atmosfera de Acqua Traverse, a narrativa adquire plasticidade. Somadas ao alaranjado da capa da edição brasileira, as caracterizações do menino nos fazem sentir o sol tórrido do verão e a secura dos campos que ele percorre com Lata-Velha. Entretanto, por se tratar de um garoto que nos conta sua história 20 anos depois, a narração apresenta um problema. Espera-se que o distanciamento do tempo se justificará a partir de considerações sobre o ocorrido ou pelos desdobramentos do ocorrido com a criança na vida do adulto. Não é o que acontece.

Embora haja alguns comentários - que servem, por exemplo, para contextualizar a época de Michele na história italiana -, a escolha do autor não assume função relevante. O mais encantador no livro é justamente a visão do menino - um adulto contaria os fatos de forma absolutamente diferente. Além disso, a história termina sem estar propriamente concluída, ou seja: o relato é interrompido numa espécie de clímax presente no próprio desfecho - o que é típico de textos em que o evento narrado transcorre até que se encontre com o momento vivido pelo narrador, suspendendo, de certa forma, a ação.

Por isso, quando terminamos de ler o livro, ficamos decepcionados. De fato, entre a certeza de que reflexões de adultos sobre a história de Michele cairiam com facilidade em moralismos baratos ou em comentários políticos dissonantes (e por isso é melhor não haver intervenção adulta) e a sensação de obra inacabada, há um vazio. Até lá, contudo, o livro já terá sido capaz de seduzir o leitor.

**Não tenho medo**  
Niccolò Ammaniti

Companhia das Letras/ 208 páginas

### Trecho da obra

“Ajoelhei-me na cama e apoiei-me na janela para tomar um pouco de ar.

A lua estava cheia. Alta e luminosa. Via-se de longe, como se fosse de dia. Os campos pareciam fosforescentes. O ar parado. As casas escuras, silenciosas.

Talvez eu fosse a única pessoa acordada em Acqua Traverse inteirinha. Pareceu-me uma coisa bonita.

O menino estava no buraco.

Imaginava-o morto na terra. Baratas, percevejos e centopéias andando por cima dele, sobre a pele exangue, e os vermes saindo de seus lábios lívidos. Os olhos pareciam dois ovos cozidos.

Eu nunca tinha visto um morto. Só minha avó Giovanna. Sobre sua cama, de braços cruzados, o vestido preto e os sapatos. A cara parecia de borracha. Amarela feito cera. Papai dissera que eu tinha de beijá-la. Todos choravam. Papai me empurrava. Eu tinha colocado a boca sobre sua face fria. Tinha um cheiro adocicado e repulsivo que se misturava com o cheiro das velas. Depois daquilo tinha ido lavar minha boca com sabão.

Mas e se o menino estivesse vivo?” (p. 45)

“Estava enrolado feito um porco-espinho no cobertor marrom.

Não tinha vontade de descer até lá, mas tinha de descobrir se as sobras do bife da minha irmã estavam lá. Embora tivesse visto Felice chegando da colina, não conseguia tirar da cabeça que aquele menino podia ser meu irmão.

Estiquei o queixo e perguntei: - Posso ir até aí? Sou o cara da água. Você se lembra? Trouxe comida. Queijo fresco. Esse queijo é gostoso. Melhor, mil vezes melhor que bife. Se você não me atacar, eu dou o queijo para você.

Não respondeu.

- Então, posso descer?

Felice podia ter degolado o menino.

- Vou jogar o queijo, pegue - joguei.

Caiu perto dele.

Uma mão preta e rápida feito uma tarântula despontou do cobertor e começou a tatear no chão até encontrar o queijo, agarrando-o e sumindo com ele. Enquanto comia, suas pernas tremiam, como aqueles cachorros vira-latas que estão sem comer há alguns dias e dão de cara com uma sobra de bisteca.

- Também trouxe água... Quer que eu leve até aí?

Fez sinal com o braço.

Desci. ” (p. 75)

# Um crime para comentar

Em *A cada um o seu*, de Leonardo Sciascia, assassinato é mote para que apareçam reais intenções das personagens



Investigações sobre um crime podem revelar mais a respeito do investigador do que sobre o ato praticado. Especialmente quando, como nesse livro, as relações dentro de uma comunidade são superficiais e as personagens (aparentemente envolvidas ou não), reclusas, adúlteras, falsos moralistas. Mais ainda

se a história se passar em uma pequena cidade, de 7.500 habitantes da Sicília e se o autor militar na denúncia da Máfia italiana.

A trama é esta: como em tantos filmes e historietas, um homem idôneo (o farmacêutico) recebe uma carta com a frase "Você vai morrer pelo que fez", formada por letras recortadas de jornais. Todos (inclusive ele) levam a ameaça na brincadeira. Um descuido... e o caçador (esse era seu hobby) é morto junto com seu companheiro de caça.

Laurana é um professor universitário que, intrigado com o baixo empenho da polícia em esclarecer as escassas provas, e alegando "curiosidade intelectual", decide investigar o caso. Mas, para tanto, terá que enfrentar algumas de suas dificuldades: distanciar-se da mãe, cujas

asas estão sempre a protegê-lo, suportar a atração que uma bela mulher exerce sobre ele, e aprofundar os vínculos com a história de um amigo já morto.

A atração física exercida por uma das viúvas sobre os homens do vilarejo faz transbordar traços de personalidades recônditos: o desrespeito a um suposto amigo, o sadismo, a luxúria. Sob a observação do professor Laurana, cada palavra atravessada, cada olhar desviado e toda reação exagerada podem ser pistas para o esclarecimento do crime.

Mas o que de fato se revela é a corrupção - e não apenas a degradação dos costumes, como quer acreditar o conservador coronel Salvaggio (e aqui está uma das críticas de Sciascia) -, infiltrada em todos os níveis.

Nada é datado nesse romance de 1966, embora haja referências à época, e apesar da atuação política de Sciascia (1921-1989), um combativo contumaz do fascismo. Tudo no livro parte da natureza humana - e *A cada um o seu* é uma breve reflexão sobre a natureza humana e a sociedade: não existe sentença senão na morte.

**A cada um o seu**  
Leonardo Sciascia  
Editora Objetiva/ 136 páginas

# Mundo adulto para crianças

Escritas e ilustradas por gente grande, fábulas abordam valores complexos de forma lúdica



Um tema bastante árido, também para os adultos, é o denominador comum das histórias contidas em *Três contos*, de Umberto Eco, com ilustrações de Eugenio Carmi: a guerra. De maneira delicada, valorizando sobretudo a tolerância e o respeito, o livro sugere aos pequenos leitores a

reversão de alguns valores da nossa civilização. Em "A bomba e o general", átomos descontentes com seu potencial de destruição fogem às bombas que aguardam em um depósito o dia em que serão utilizadas. Um general sedento por guerra decide lançá-las. Mas elas não explodem: são tomadas pela população e transformadas em vasos de flores. E ao general, frustrado e discriminado, resta trabalhar como porteiro em um hotel - dando alguma valia para seu uniforme militar.

Compreender e se abrir para o diferente é o tema de "Os três cosmonautas". Na corrida espacial, um estadunidense, um russo e um chinês vão à Lua. Aprendem a se relacionar, a despeito da competição, mediados pelo medo que lhes é comum. E acabam tornando-se amigos de um marciano.

"Os gnomos de Gnu" são seres cujo planeta o

homem quer colonizar. Mas convencem o conquistador de que o melhor seria trazê-los à Terra, para que nosso planeta recupere a natureza. Em razão da burocracia alfandegária, contudo, o Imperador não aceita que eles venham. E o texto conclui: "Sabe-se lá se algum dia deixarão os gnomos de Gnu virem para cá. Mas mesmo que não venham, por que não começamos nós mesmos a fazer o que fariam os gnomos de Gnu?".

Embora organizadas em versos livres, as histórias não chegam a ser poesia. Poéticas são as ilustrações de Eugenio Carmi, bastante coloridas e baseadas em colagens. Marcadas pela filiação abstracionista do pintor italiano, as figuras apenas estimulam as imagens criadas pelos leitores diante do texto - ao contrário de outros livros infantis, em que a imaginação é quase determinada pelos desenhos.

Estimular a fantasia, o raciocínio e a dúvida é o propósito dessas três histórias. Sem lições de moral, as crianças podem entender a responsabilidade que terão pelo mundo adulto.

**Três contos**  
Umberto Eco e Eugenio Carmi  
Berlendis &Vertecchia /110 páginas

# Sem abusos: ele é o sucessor da humanidade

Em romance publicado em 1997 na Itália, narrador é o único sobrevivente após o desaparecimento de todos os homens



Muito se escreveu sobre a solidão do homem: a que nos é inerente, a de que precisamos para alcançar algum conhecimento verdadeiro, a solidão decorrente do sofrimento, ou aquela da qual tomamos consciência subitamente. Mas nunca ela se

tornou tão palpável e radical quanto em *Dissipatio H.G.*, de Guido Morselli.

*Dissipatio Humani Generis* (do latim, dissipação do gênero humano) é a hipótese de Jâmblico

(240 - 325), um tardio filósofo neoplatônico, para o fim da humanidade: a simples evaporação. Sem violência, sem catástrofes; uma simples evaporação. A de Morselli, no entanto, tem um elemento a mais: um único homem. O que sobrou para testemunhar o vazio e o silêncio. E para iniciar o romance-monólogo.

"Agora minha história interior é a História, a história da Humanidade. Eu sou agora a Humanidade, a Sociedade (H e S maiúsculas)", nos diz este homem, cujo nome não conhecemos. O que ele chama de Evento se passa no dia em que completa 40 anos, algumas horas após ter desistido do suicídio.

O narrador passeia pela cidade e encontra veículos acidentados, objetos pessoais abandonados ao chão, as rotativas do jornal em funcionamento. Entra em casas, pensões, lojas e no prédio da Bolsa: tudo - um livro aberto, uma cama desfeita - sinaliza interrupção abrupta.

"Antes, eram os acidentes de carro que tiravam a vida; naquele instante, foi o retirar-se da vida (seu subtrair-se, evolar-se) que produziu o acidente." Diante de sua condição, ele se pergunta: é excluído ou escolhido? Caso a dissipatio seja uma espécie de ascensão, cabe a primeira hipótese. Se for um castigo...Mas por que ele? O que lhe resta? Como enfrentar o silêncio e a solidão, ou como preencher seus dias?

Entre a solidão que permitiria a ele aproveitar todos os objetos e espaços do mundo (a certa altura, o narrador cogita apropriar-se da Bíblia de Gutemberg, a primeira versão impressa) e o medo de estar sozinho, surge uma atitude assustadora:

cansado de não ouvir a voz humana e de passear pela cidade, retira manequins de uma loja e os distribui pela praça central e na piscina municipal. Um vento forte, contudo, os derruba.

Em sua tentativa de compreensão, o narrador refuta todas as suas crenças - especialmente o que chama de sociologismo e a política. Nada é suficiente para dar a medida de sua solidão. A idéia do suicídio, que antes do Evento estava consolidada, perdeu o sentido. Matar-se é uma ação que pressupõe uma espécie de destinatário, um outro a quem se quer provocar. Sozinho, só resta a ele esperar. E concluir: "E a sociedade, no fim das contas, era apenas um mau hábito".

**Dissipatio H.G.**  
Guido Morselli  
Ateliê Editorial/ 168 páginas